

A ARTE DO BELO E O TORNAR-SE HUMANO NA LITERATURA CLÁSSICA: UMA LEITURA ONTOPSICOLÓGICA

Gabriel Forsch¹, Breno Prado², Clarissa Mazon Miranda³

Resumo: Por milênios a questão do Belo ou da Estética tem se presenciado a muitos intelectuais, artistas, a operadores de estética de todos os modos e, ao menos por intrínseca ordem de natureza, a todos os indivíduos. Neste artigo de revisão bibliográfica buscamos realizar um estudo de aprofundamento sobre o construto teórico de “Arte do Belo”, perpassando autores clássicos e contemporâneos, a fim de chegarmos a uma maior compreensão sobre esse tema na visão ontopsicológica, preconizada por Antonio Meneghetti. Em especial, centramos o quanto exposto por Meneghetti especificamente sob a terminologia “Arte do Belo”. Nessa análise, extraímos da bibliografia e estudamos quatro premissas e cinco elementos para se exercer a Arte do Belo. Quanto às premissas: (1) precisão; (2) maturidade; (3) economia racional; (4) vigilância e prudência nas relações. Quanto aos elementos: (1) cultura; (2) experiência; (3) excelência profissional; (4) hobby; (5) curiosidade disponível aberta. Consideramos que a literatura clássica seja um modo de refinar a si mesmo devido ao contato e à metabolização de um conteúdo rico em vivências humanas transliteradas em personagens, situações, histórias fictícias. Conclusivamente, entendemos que o aprofundamento neste tema pode contribuir para com o conhecimento teórico e técnico do leitor acerca de como realizar o próprio Em Si ôntico, no caso do enfoque deste artigo, por meio da Arte do Belo.

Palavras-chave: Estética; Arte do Belo; Ontopsicologia; literatura clássica.

The Art of Beauty and becoming human in classical literature: an ontopsychological reading

Abstract: For millennia, the question of the Beautiful or of Aesthetics has presented itself to many intellectuals, artists, and aesthetics practitioners of all kinds and, at least by an intrinsic order of nature, to all individuals. In this literature review article, we aim to carry out an in-depth study of the theoretical construct of the “Art of Beauty,” drawing upon classical and contemporary authors, in order to reach a deeper understanding of this theme from the ontopsychological perspective, as proposed by Antonio Meneghetti. In particular, we focus on what Meneghetti presents specifically under the terminology “Art of Beauty.” In this analysis, we extract from the bibliography and study four premises and five elements for exercising the Art of Beauty. As for the premises: (1) precision; (2) maturity; (3) rational economy; (4) vigilance and prudence in relationships. As for the elements: (1) culture; (2) experience; (3) professional excellence; (4) hobby; (5) available open curiosity. We consider classical literature to be a way of refining oneself due to the contact with and metabolization of content rich in human experiences, transliterated into characters, situations, and fictional stories. In conclusion, we understand that delving deeper into this theme may contribute to the reader's theoretical and technical knowledge regarding how to realize their own ontic In-Itself, in the case of this article's focus, through the Art of Beauty.

Keywords: Aesthetics; Art of Beauty; Ontopsychology; classical literature.

El Arte de lo Bello y el tornarse humano en la literatura clásica: una lectura ontopsicológica

Resumen: Durante milenios, la cuestión de lo Bello o de la Estética se ha presentado a muchos intelectuales, artistas y operadores de la estética de todo tipo y, al menos por un orden intrínseco de la naturaleza, a todos los individuos. En este artículo de revisión bibliográfica, buscamos realizar un estudio de profundización sobre el constructo teórico del “Arte de lo Bello”, recorriendo autores clásicos y contemporáneos, con el fin de alcanzar una mayor comprensión de este tema desde la visión ontopsicológica, preconizada por Antonio Meneghetti. En especial, nos centramos en lo expuesto por Meneghetti específicamente bajo la terminología “Arte de lo Bello”.

¹ Graduando em Ontopsicologia (AMF). E-mail: gabrielfranklin554@gmail.com.

² Bacharel em Ontopsicologia (AMF). E-mail: brenopradodasilva@gmail.com.

³ Doutora em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professora de Graduação na Faculdade Antonio Meneghetti (AMF). E-mail: miranda.clarissa@gmail.com.

En este análisis, extraemos de la bibliografía y estudiamos cuatro premisas y cinco elementos para ejercer el Arte de lo Bello. En cuanto a las premisas: (1) precisión; (2) madurez; (3) economía racional; (4) vigilancia y prudencia en las relaciones. En cuanto a los elementos: (1) cultura; (2) experiencia; (3) excelencia profesional; (4) hobby; (5) curiosidad disponible y abierta. Consideramos que la literatura clásica es una forma de refinarse a uno mismo debido al contacto y a la metabolización de un contenido rico en vivencias humanas transliteradas en personajes, situaciones e historias ficticias. Concluyendo, entendemos que la profundización en este tema puede contribuir al conocimiento teórico y técnico del lector sobre cómo realizar su propio En Sí óntico, en el caso del enfoque de este artículo, por medio del Arte de lo Bello.

Palabras clave: Estética; Arte de lo Bello; Ontopsicología; literatura clásica.

1 Introdução

Investiga-se neste artigo de revisão bibliográfica o constructo teórico de “Arte do Belo” presente na literatura de Ontopsicologia por seu autor Antonio Meneghetti e como este pode contribuir para o processo do devir óntico-existencial dos indivíduos, tangente à cultura clássica, com uma abordagem centrada à literatura clássica. A partir de Antonio Meneghetti e mentes como Étienne Gilson, Benedito Nunes e Aristóteles sobre a Arte, é realizada a pesquisa que visa entender de que modo a arte literária pode ser caminho de autorrealização e construção histórica da identidade óntica.

O que esperamos ao relacionar “Arte e Belo”? Ainda mais a fundo: o que podemos esperar ao buscar a “Arte do Belo” em âmbito ontopsicológico e como o indivíduo alcança essa forma tão transcendente de si, qual a relação entre a Arte do Belo com a literatura clássica? O que define o que é a Arte do Belo? O que o indivíduo deve alcançar para que possa enfim viver isso à sua maneira. Tendo isso em vista, entende-se que, de várias visões sobre o belo, neste artigo adotaremos aquela que corrobora ao olhar de Meneghetti.

Ressaltamos, ainda, que optamos por utilizar o constructo teórico com iniciais maiúsculas como modo de dar ênfase à nobreza com a qual se pode entender o que são a verdadeira “Arte” e o verdadeiro “Belo”, sob

a concepção ontopsicológica de que há uma verdade ontológica ou de natureza a qual pode ser conhecida e operada. De fato, “Arte” possui, em sua origem etimológica, os significados de: *pôr em movimento* ou *movimentar-se em direção de* (da raiz ariana *ar-*), e de *excelência, nobreza, boa constituição* (da raiz sânscrita *arya*) (Bonomi, 2008). Nessa ótica, o “Belo” apresenta como significados etimológicos: *bom, conveniente* (ita. = *confacente*), *bem proporcionado* (do latim = *bèllus*, e mais antigamente, *bènus* ou *bènus*) (Bonomi, 2008).

2 Fundamentos conceituais da Arte e do Belo

Nesse viés, entende-se que ser belo é ser aquilo que se é em essência, os animais e plantas, quase sempre, são belos pois não há para eles os impedimentos que podem haver para o homem: a fixação sobre estereótipos, ideologias e hábitos, os desvios pelos memes etc. Animais e plantas agem de acordo com sua natureza e evidenciam em sua existência o belo que habita em si. Pode-se entender o belo enquanto intrínseco no homem, e a arte como ação. A arte possui certa aparência e certa informação que é evidenciada em obra artística, seja boa ou não-boas, isto é, condizente ou não com a identidade de natureza do homem. Se o que é evidenciado é Verdade, é devidamente belo, sabemos,

sentimos, mas o determinante principal que age sobre a beleza total daquela obra está dentro, inata no artista. Benedito introduz-se e destaca a ideia da arte como modo de ação produtiva do homem, sendo um fenômeno social e parte da cultura em geral – entremos mais a frente e a destacamos como parte da literatura clássica. Relacionada com a totalidade da existência humana, por si a arte possui formas definidas, e além de possuir sua própria história em meio à humanidade, possui sua própria história como arte. Esta é dirigida por tendências que nascem, desenvolvem-se e morrem, e às quais correspondem estilos e formas definidos.

Mas por outro lado, a Arte excede, de muito, os limites das avaliações estéticas. Modo de ação produtiva do homem, ela é fenômeno social e parte da cultura. Está relacionada com a totalidade da existência humana, mantém íntimas conexões com o processo histórico e possui a sua própria história, dirigida que é por tendências que nascem, desenvolvem-se e morrem, e às quais correspondem estilos e formas definidos. Foco de convergência de valores religiosos, estéticos, sociais e políticos, a Arte vincula-se à religião, à moral e à sociedade como um todo, suscitando problemas de valor (axiológicos), tanto no âmbito da vida coletiva como no da existência individual, seja esta a do artista que cria a obra de arte, seja a do contemplador que sente os seus efeitos (Nunes, 1989, p. 18).

Sabemos que todos esses assuntos possuem suas divergências (religião, sociedade, política etc.), porém, em sentido à convergência e uma possível interação que possa ocorrer, a arte vincula a todos, seja em valor existencial coletivo ou individual, seja o artista que cria a obra de arte, ou o contemplador; aquele que sente e aprecia os seus feitos, este é aquele que vai ao encontro à evidência caso aquela arte passe uma informação Verdadeira ou se não se relaciona à intenção do artista, como natureza; sendo

assim, aparecendo em arte, interferências do externo não próprias do artista naquele momento. Contudo foi em 1963 que fomos apresentados à ideia de Étienne Gilson com sua obra: “introdução às Artes do Belo”, dando ênfase à ideia de Aristóteles em relação ao que seria a arte:

O que chamamos de “arte”, ele o chama de “imitações”. As diversas artes são para ele diversas maneiras de imitar, e a sua distinção depende mais da distinção dos que imitam que nos meios por que o imitam. Falar da física em verso é ser físico, não poeta, pois aquilo de que o escritor fala é neste caso a natureza, não uma fábula ou, mais precisamente, um mito, contar uma história inventada é ser um poeta de verdade, mas ninguém é poeta porque o faz em verso. Assim, ainda que Aristóteles dê provas de grande perspicácia ao reconhecer a especificidade da poética como ordem do fazer, ele a reconduz imediatamente à ordem do conhecer: embora à fabricação, a poética é essencialmente mimese, isto é, o seu fim é imitar (Gilson, 2010, p. 86-87).

Entretanto, dizer que a poética é essencialmente mimese seria de uma profundidade rasa, ao levar em conta que para a realização de uma obra de arte a mimese não seria suficiente. O mesmo para o fazer artístico em geral, imitar o que já se foi produzido, apenas o modificando, pensando senão, pelo lado das técnicas que se desenvolvem por diversos artistas e são levadas à frente historicamente. Étienne Gilson abre mais a frente: “O homem é uno e se coloca inteiramente em cada um dos seus atos, mas em graus diferentes e diferentes proporções” (Gilson, 2010, p. 26).

Ao que é possível compreender quanto à ideia de Aristóteles e ao que comenta Étienne em seguida, a arte não é o que seria uma imitação, ao menos quando o artista não vive em contínua mimese. A ideia de Aristóteles e Étienne se divergem quando nos é apresentada

a ideia de que o modo de se fazer “arte” é uma “imitação” e, depois, temos a ideia de que o homem é uno e se doa completamente a cada um dos seus atos, mesmo que em diferentes proporções. Divergem-se em sentido que: o homem é uno e essa unidade é doada em suas ações e criações, então não há mimese, não há esta cópia que indica que a arte na verdade é um ato de imitação. Quando entendemos a arte como também um ato do homem, não se pode haver uma ideia de imitação ao colocá-la à ideia de que o homem é uno.

Podemos entender o homem como uno, o belo como intrínseco ao homem em sua própria natureza individual e a arte como tipologia de ação: o homem como individuação, possuidor de uma identidade única que o leva a se distinguir do que seria a massificação psíquica de um caminho de vida coletivo; o belo ao que se é essencialmente e puramente, quando não há impedimentos de atividades externas, e a arte como externalização da devida obra de arte em sintonia com a identidade do indivíduo, espelhando a imagem pura e bela do que seria a intencionalidade ôntica do artista.

O que é devidamente bom é o que faz bem, como por exemplo o cavalo que mais corre e por isso é o melhor, e como os olhos que enxergam tal como sua Natureza os deu o papel; o belo se evidencia ao na realização coerente ao que a é a Natureza do indivíduo, a beleza e o bem não estão distintos pois nada é devidamente bonito se não é bom. A Verdade está quando “é”, basta ser conforme sua Natureza, se dessa maneira se mostra, se enxerga o belo, o bem feito:

Sócrates ensinou aos seus discípulos que tudo o que se pode chamar de belo é útil, preenchendo uma função. Olhos que não enxergam não podem ser belos. Faltar-lhes-ia

a perfeição do fim para o qual a Natureza os gritou. Do mesmo modo, a mais bela ânfora é a que melhor serve, o mais belo cavalo é o que melhor corre. Sócrates, que não separou a Beleza do Bem, entende que nada é verdadeiramente bom, sem que também seja útil. A Beleza consiste na exata função de cada coisa ou de cada ser, segundo os fins que a Natureza tende a realizar, e na perfeita utilidade que os objetos alcançam, quando são convenientemente fabricados. Por isso, o que é belo e bom representa, ao mesmo tempo, uma parcela da Verdade, ideal do conhecimento teórico, que coincide com o Ser em sua plenitude [...] (Gilson, 2010, p. 17-18).

Nessa ótica, o que se apresenta em contrariedade ao que realmente é, à Natureza, não é bonito, prazeroso, sequer belo. Ao agir em plenitude com o que foi posto para a realização em vida de maneira coerente, sem que espelhe atos contrários à Natureza, se pode materializar em arte, em ação. Assim que é externalizado o belo, ao que traduz a beleza da unicidade sem transparecer imagens externas – isto é, de maneira pura – pode ser notado em seja lá qual for a área de atuação artística (pintura, escrita, fotografia, música etc.), não é apresentada a “mimese” ou imagem contrária à vida ou impura.

O espírito com ato constante presencia novamente a si mesmo em diversas fenomenologias. Todos os animais passam dois terços do seu tempo fazendo-se belos, quando estão sadios. Ser sadio significa ser a si mesmo, ser junto com aquilo que é ou que deveria ser, portanto, correspondência máxima à própria especificidade de individuação (Meneghetti, 2022, p. 520).

Ao dizer que os animais passam dois terços do seu tempo fazendo-se belos, temos a evidência da ideia de que tudo que é de Natureza, de acordo com seu objetivo específico natural, é belo, pois é tudo o que precisa ser, tudo o que é. Isso é possível

quando se é sadio⁴, quando há uma resposta ao sopro de vida da Natureza.

Quanto mais os animais, plantas – novamente utilizados de exemplo para explicar uma condição para alcançar o belo na arte, que será tratado mais à frente – são belos, quanto mais usufruem de sua Natureza, quanto mais investem suas atividades em coerência com o que são mais são sadios, mais têm a devida resposta para o que a vida lhes impôs e a cada momento se produz uma beleza à evidência da vida:

Quanto mais uma planta e um animal são belos, mais são sadios. A espontaneidade de natureza os determina já pré-constituídos, e eles mesmos, a cada momento, trabalham para a própria beleza. Ser belo não é uma mensagem para fazer dialética, para fazer ocupação sobre os outros, para ser admirado, ou para ter o primado, mas é intrínseca necessidade de natureza no individual (Meneghetti, 2022, p. 520).

Entende-se que ser belo, antes de ser uma escolha, é algo já existente e intrínseco em si, entretanto, é trabalhado e cultivado em uma necessidade de apropriação do que é seu. O belo deve ser vivido e, quanto mais se vive o belo, mais o sujeito encontra-se próximo da sua especificidade de individuação. Assim, quando se há belo em evidência ao externo, também se encontrará o belo em arte, em seu devido mecanismo de ação para realizar-se artisticamente, sem que haja desvios por influências externas.

“Não é o fruidor que assimila a beleza, mas é a beleza que assimila o fruidor para si mesma. O fruidor é somente disponível e não tem impedimentos” (Meneghetti, 2022, p. 521).

⁴ “Ser sadio significa ser a si mesmo, ser junto com aquilo que é ou que deveria ser” (Meneghetti, 2022, p. 520).

A beleza já é existente, independente de quem a contempla, já existe uma qualidade intrínseca no fruidor, o belo já está ali, não há uma necessidade de criá-lo, mas sim de alcançá-lo, de colocar-se síncrono à intencionalidade da ordem estética. Já se tem a unidade em existência, já se possui uma identidade escrita no universo quanto unicidade, quando isso já é claro, temos então a ideia de que existe algo de novo, distinto, diferente no fundo daquele indivíduo: habita em si um belo sublime, substancialmente particular daquele fruidor, que precisa descobrir e superar seus impedimentos para que assim esteja disponível ao belo na sua existência.

3 A Arte do Belo

Neste estudo, baseamo-nos no quanto descrito por Gilson sobre as artes do belo. Em especial, no seguinte excerto:

Desçamos agora até a factividade: para que se possa, pois, atribuir a beleza de um objeto a uma arte qualquer, é preciso que este objeto seja “feito” pelo homem. Precisamente aqui intervém a distinção entre o belo e o útil. A imensa maioria das atividades de fabricação se propõe como fim à produção e multiplicação de objetos úteis em todos os domínios de utilidade. É útil o que serve para alguma coisa. Não há oposição entre o útil e o belo, já que é possível que a beleza seja útil – o que, em certo sentido, ela sempre é. Não obstante, ela nunca é produzida em vista de sua possível utilização, mas apenas e tão somente por si mesma. De maneira inversa, é possível que um objeto feito em vista de sua utilidade seja ao mesmo tempo um objeto belo; na verdade, é sempre desejável que seja assim: *omne tulit punctum...* Muitos objetos da indústria – máquinas, navios, aviões, utensílios domésticos e outros – são mais belos que várias obras de arte concebidas unicamente em vista da sua beleza, mas malogradas ou francamente feias. Se se toma a palavra arte no seu sentido mais geral, isto é, aquele da expressão tradicional “artes e ofícios”, pode-se dizer que em sentido lato os produtos da indústria, e todas as grande obras

do homem que modificam, talvez, o aspecto e a próprias estrutura da natureza – uma ponte, um túnel, a abertura de um istmo, um dique –, são obras de arte (Gilson, 2010, p. 29, grifos do autor).

Destarte, uma obra de arte não necessariamente será bela apenas por ser considerada uma obra de arte. O belo vai além de simplesmente se mostrar bonito; ele tem uma essência, um dever, um objetivo a cumprir. Ao seguir esse caminho e se realizar de acordo com sua essência, já é possível alcançar o belo. Não há necessidade de ser uma obra de arte para possuir o belo, entretanto, não é porque algo o contém que necessariamente se apresentará com uma beleza visual – máquinas, navios, aviões, utensílios domésticos, por exemplo –, mesmo que com uma aparência não agradável ou nada artística, não precisam disso para se mostrarem belos, isto é, cumprem seu dever para qual foram feitos.

A Arte do Belo pode ser evidenciada ao homem que faz bem-feito. Bonito é o belo quando sabe o que se produz e dá um dever àquele objeto. Quando aquilo que é criado, além de possuir boa aparência e cativar o olhar de quem o vê também possui um sentido, não é uma criação jogada ao vazio ou apenas uma casca bonita sem o preenchimento do belo em sua existência: “Uma ponte, um túnel, a abertura de um istmo, um dique – são obras de arte” (Gilson, 2010, p. 29).

São obras de arte pois possuem uma direção, possuem uma grandeza, são bem-feitas. Mas, além disso, cumprem o que lhes foi dado. Se não estivessem ali, alguém as criaria em certo momento. Uma ponte ou um túnel podem não parecer agradáveis ao se imaginar, mas isso depende das pontes por

onde se passa: pontes como Tower Bridge, a Ponte da Paz ou a Ponte Vecchio.

Os túneis que foram feitos por uma alma bela e artística não somente cumprirão seu propósito como criação e objeto, mas serão uma obra de arte. Serão bonitos, pois se encontrarão com a natureza que, mesmo que modifique talvez até seu aspecto, não a destrói, mas a enriquece. Enquanto cumprem seu objetivo, evidenciam assim: a Arte do Belo.

4 A Ontopsicologia e a Arte do Belo

A arte do belo é uma contínua educação para ser superior. É a mais elevada academia de exercício de personalidade. Para exercitar o belo em todas as coisas, é preciso sermos pessoas precisas, maduras, racionalmente econômicas, sempre muito vigilantes e prudentes nas relações com as pessoas. A arte do belo é também uma culminância de diplomacia, e isso não deve ser visto como uma forma estática, imóvel, uma estátua que faz vitrine, mas uma contínua função de crescimento, aumento, expansão em constante equilíbrio dinâmico. Por isso, o verdadeiro belo nasce de uma plenitude de coisas realizadas (Meneghetti, 2022, p. 18, grifos do autor).

Ao dizer que precisamos ser pessoas precisas, maduras, racionalmente econômicas, vigilantes etc., para que assim o belo seja exercido, entendemos uma importância que damos às informações externas e as decisões que tomamos sobre nossa vida. Não tendo como fugirmos dessas relações que temos com o mundo externo, é necessário filtrar e entender o que pode afetar nossa percepção e impedir em certo momento que vivamos o belo.

“*A arte do belo é também uma culminância de diplomacia*” (Meneghetti, 2022, p. 181, grifos do autor). É possível entender sobre um extremo de diplomacia, isto

é, viver o mundo externo, não deixando de lado as experiências, convivências e relações que se tem e aparecem continuamente, mas vivendo cada uma das novas experiências, buscando ganhar com isso em cada momento que se encontra em uma dinâmica. A Arte do Belo e a diplomacia está em não se perder nunca em meio a esse trânsito, mantendo uma dupla moral; se faz tudo bem, com identidade, nunca se doando por completo, mas à sua maneira *ecceica*, se faz com excelência e unidade em meio ao monte, a ainda mais que único: se faz bonito, com uma beleza distinta que é a devida unicidade, se faz belo, se faz arte, se evidencia a Arte do Belo.

Além disso, a Arte do Belo é também pedagogia, pois há o aprender a fazer, enquanto uma arte feita de qualquer jeito é como jogar energia ao vazio. “*A arte do belo é uma contínua educação para ser superior. É a mais elevada academia de exercício de personalidade*” (Meneghetti, 2021, p. 31).

Finalmente, nesse trecho o autor traz premissas para atuar a Arte do Belo, quando afirma que “Para exercitar o belo em todas as coisas, é preciso sermos pessoas precisas, maduras, racionalmente econômicas, sempre muito vigilantes e prudentes nas relações com as pessoas” (Meneghetti, 2022, p. 18). Essas premissas serão a seguir aprofundadas.

3.1 Premissas para atuar a Arte do Belo

Para elaborar esta seção, retomamos a frase em que Antonio Meneghetti afirma que “para exercitar o belo em todas as coisas, é preciso sermos pessoas precisas, maduras, racionalmente econômicas, sempre muito vigilantes e prudentes na relações com as pessoas...” (Meneghetti, 2021, p. 31). Dessas

afirmações obtivemos quatro premissas para que se possa exercer a Arte do Belo, entendida essencialmente como práxis existencial, e que pode ser manifesta pelos modos tradicionalmente conhecidos como artísticos. A saber, as premissas obtidas foram: (1) *precisão*; (2) *maturidade*; (3) *economia racional*; (4) *vigilância e prudência nas relações*. A seguir aprofundamos na pesquisa sobre elas.

1) *Precisão*

“A objetividade de qualquer conhecimento se origina da subjetividade do pesquisador. Se não tornarmos exato quem mede, não temos um critério de verdade. Cada coisa deve partir do íntimo da inteligência.” (Meneghetti, 2024, p. 183).

Tomamos “pesquisador” como “sujeito/indivíduo”, então temos uma universalização do conceito de exatidão: o homem exato na sua subjetividade é capaz de conhecer com exatidão e, portanto, é capaz de compreender a proporção, a estética, o belo. Isto é, em última análise, é capaz de identificar a presença do Em Si ôntico. O belo existe a partir de uma natureza, que em objetivo e em instinto é precisa, sabe o que quer, o que não quer, o que é para si e o que não é para si; em sentido para atuar e exercer a Arte do Belo, é necessário estar em constante precisão com a natureza específica que é, para que assim se evidencie o belo sem que em arte sejam espelhadas influências externas.

Tanto para viver o belo, quanto para fazer arte, deve haver um objetivo a partir daquilo, todo o caminho e resultado se constroem a partir de um objetivo que tem pré-determinado desde sua base, desde suas raízes, que é tudo

aquilo que fortalecerá uma obra, que trará beleza à obra, e assim, sem que perca seu objetivo, alcance a realização daquilo; alcance assim como a realização, também alcance a autorrealização do artista.

Em precisão se tem um ponto em que se quer chegar, se tem um ponto em que opera, tem um ponto em que caminha para que conscientize a realização final daquela obra, a precisão é o que dá a firmeza e a consolidação de tudo aquilo em que opera.

“A Ontopsicologia sustenta que se pode compreender tudo, desde que o homem seja exato, ou seja, o cientista, o empresário etc. deve ser igual à ação que é. A questão é: o sujeito conhece exatamente da forma como é dotado, de modo natural?” (Meneghetti, 2023, p. 29).

Concomitante à sua atuação, deve ter a certeza de que aquilo que opera ou realiza é conforme seu modo natural, é conforme sua identidade. Dados os exemplos de “cientista, empresário e etc.” por Meneghetti, temos a clareza de que em todos os ramos em que se busca mesmo realizar-se ou atuar a Arte do Belo, é fundamental que tenha o conhecimento sobre a forma como é dotado, de qual ou como é seu modo natural.

Seja artista de qualquer área de atuação – fotografia, música, pintor, escritor etc. – social, profissional ou pessoal; para atuar a Arte do Belo, certamente é fundamental que tenha o conhecimento sobre seu potencial natural e a precisão de atuação.

2) Maturidade

Com isso não significa que se deva viver no contínuo sacrifício. Enquanto isso, pode-se colher tanto prazeres e satisfações: gozar de boa estima e saúde, ganhar dinheiro para prover a todos os meios para uma liberdade individual como uma casa, o automóvel,

roupas, férias, viagens, conhecimentos, várias experiências no interior de outras culturas (Meneghetti, 2021, p. 49).

Atuar no belo não é uma decisão oposta ao viver o externo. Em concomitância com o contínuo aprendizado do belo – proximidade – devem haver experiência em que ajudem à esta construção, ao encontro que se tem consigo mesmo com seu interno, – em consultoria de autenticação pode-se obter determinados direcionamentos – é isto que vai fazer com que auxilie no encontro ao belo.

Contudo, realizar certa obra extraindo determinado resultado de uma natureza única, – específica – também propõe certa visão social expandida, ao que também necessita da apreciação estética daquele que se maravilha com determinada obra, daí com tudo que se construiu, se faz dinheiro: “casa, o automóvel, roupas, férias, viagens, conhecimentos, várias experiências no interior de outras culturas” (Meneghetti, 2021, p. 49).

Com dinheiro e certa evolução monetária, se constrói mais, pode ganhar mais com culturas e experiências que sem o dinheiro, não poderiam ser alcançadas; parte do belo, parte do realizar a Arte do Belo. Para que esse estilo de vida seja presente, é fundamental conhecer a arte de viver e aplicá-la: “A arte de viver é gerir a vida como o artista autêntico e capaz gere a materialidade em função instrumental da sua volição e da sua estética” (Meneghetti, 2021, p. 105).

Quando o artista conscientiza e vive esta arte da vida, se tem a capacidade de gerir a materialidade em função de sua natureza estética, sabe como fazer, assim quando se maravilha da sensibilidade, da singularidade e simplicidade do belo, também sabe comunicar, externalizar ao apreciador, aquele ou aqueles que vão entender a precisão de certa

mensagem, da grandeza de uma individualidade.

3) *Economia racional*

O problema econômico diz respeito ao modo como racionalizar o crescimento. O sujeito, nesse caso, já está realizado, tem uma riqueza em progressão, tem energia, tem pessoas, têm prudência, tem potencial, tem ocasiões de mercado, tem circunstâncias históricas, ganhou muito e deve conservar ou investir (Meneghetti, 2013, p. 178).

O belo é simples, de uma elegância e simplicidade ímpar. A referência em questão não se diz necessariamente à conservação do belo, entretanto, cabe precisamente como uma necessidade e um entendimento essencial para que atue o belo, que é delicado, bonito, sublime; deve saber economizar certo crescimento de maneira racional, deve entender os caminhos que segue, as escolhas que faz e como se investe o belo.

Quando realizado e rico, no momento em que se conquista o belo e se deleita de tal grandeza, quanto individualidade, é particular, um pertencimento pelo qual deve saber cuidar e proteger; ocasiões da vida e momentos históricos não vão deixar de acontecer no momento em que entende que conquistou certa realização.

A Arte do Belo como um nome de uma vastidão enorme de significados pode ser um ponto em que se encontra uma maneira de conservar ou investir o belo, produzindo arte, não apenas por fazer um projeto para que seja como um troféu na estante, mas uma conquista com objetivo, essência, natureza; onde sabe que investiu bem, pois que seja de uma beleza grandiosa para que não seja mostrada à ninguém, nem em particular nem em sociedade, mas que haja belo, que haja vida e que faça heciedade de acordo com a essência

do criador daquela obra, o importante é compreender que a apreciação e o admirar o belo deve ser o mesmo, sendo em ganho social, privado ou econômico.

4) *Vigilância e prudência nas relações*

As relações sociais que se tem (amigos, família, relacionamentos, empresariais etc.) são de grande influência ao buscar uma evolução para atuar a Arte do Belo, pois são relações que se tratam de outras pessoas, outras mentes; âmbitos que podem gerar impactos internos e de grande valor para o artista que busca o belo: “A fortuna de um homem é sempre um outro homem, se foi bem escolhido. Caso contrário, a ruína de um homem é sempre outro homem” (2021, p. 91, grifos do autor).

Certas relações pessoais impactam em diversas áreas da vida do homem em determinado campo em que se investe, sejam estas amizade, relacionamentos ou familiar. Falando de maneira geral, não é importante nesse quesito estabelecer uma relação tão a fundo que possa comprometer a própria estabilidade, caso um absurdo ou outro aconteça, por mais honesto ou confiável que soe, há de ocorrer mudanças.

Em vigilância para consigo mesmo é de grande valor ter cuidado ao entrar ou confiar em relações de proximidade afetiva ou honesta, às que não são, já sabemos e têm o devido cuidado tendo em vista que já se depara com a certeza e já sabe quando é ou não é no primeiro momento em que se encontra (se me agrada ou não, se me contorce o estômago ou se me devolve ânsia), já as confiáveis, são nessas que têm um investimento maior, em que se confia mais.

3.2 Elementos da Arte do Belo

Depois de cultura e experiência, para manter-se no exercício do belo, é preciso buscar ganhar o espaço, o modo de viver sempre juntas estas três coisas [...] *uma profissão*, um trabalho excelente de qualquer gênero [...] um tipo de *hobby esportivo, artístico, social* [...] *uma curiosidade disponível aberta* [...] (Meneghetti, 2021, p. 31-55, grifos do autor).

Deste trecho extraímos cinco elementos que compõem a continuidade da Arte do Belo na vida individual, quais são: (1) *cultura*; (2) *experiência*; (3) *excelência profissional*; (4) *hobby*; (5) *curiosidade disponível aberta*. Nesta seção, investigamos mais a fundo de que se tratam essas dimensões e como se pode desenvolvê-las.

1) *Cultura*

De vez em quando é bom fazer uma boa, bela *cultura*, por exemplo, ler ao menos um romance ao ano da literatura clássica inglesa, francesa, russa etc. Cada nação tem os seus grandes, e essa é uma cultura profunda da qual, sem dúvida, pode-se aprender mais, porque são mentes que raciocinaram, que desenvolveram etc. *Não são a nossa verdade, mas um elemento que pode contribuir para melhorar e aperfeiçoar a nossa verdade* (Meneghetti, 2020, p. 39).

De vez em vez é bom experimentar um breve contato com uma cultura clássica, seja ela inglesa, francesa, russa etc. São tantas culturas ricas e um manancial de humanismo. Quando é possível desfrutar de uma imersividade mesmo que breve em um conteúdo tão profundo como então de Fiódor Dostoiévski, se depara com conteúdos, com uma literatura perene, que, ao submergir-se em determinado conteúdo, se depara com individualidades perfeitamente estruturadas; uma ideia social, psicológica, humana de

grande valia ao que se diz respeito à cultura tanto de uma sociedade quanto de um indivíduo por si só.

Assim como Fiódor Dostoiévski – uma grande mente russa – também temos grandes outros autores de diversos outros grandes lugares no mundo, que mesmo que tão distantes, escrevem tão ricas obras das quais é possível tirar tanto. A forma cativante com que Dostoiévski retrata assuntos reais, mesmo realidades, emoções, sentimentos como se em papel descrevesse pessoas reais a partir de momentos históricos ou de sua própria vida, nos faz pensar se ele está descrevendo uma história com mentes distintas ou se, por ser grande, alcançou sua maneira específica de criar individualidades tão reais em universos de grandes mensagens e visões que até nos dias de hoje nos faz enxergar todo aquele mundo em papéis como uma realidade atual.

Não são verdades que se determinam como absolutas, mas sim complementos que se têm a partir de outras culturas, escritores, mentes que complementam verdades propriamente do indivíduo. Os povos podem ser distintos, mas aquele singular pode encontrar fragmentos de si em meio a um geral. Em tantas obras se falam sobre o ser humano, seus medos, angústias, desejos, realizações; essas podem nos trazer algo a que se apropriar, algo novo.

2) *Experiência*

Segundo o Dicionário de Ontopsicologia, esta assim se define:

O ser tocado ou vivido de dentro de uma coisa, contexto ou pessoa. Conhecimento objetivo em existência subjetiva. Resultado ou estado de consciência após o perecer dentro de uma interação (Meneghetti, 2021, p. 31).

A experiência é necessária para a realização da Arte do Belo pois para tudo o que é feito é preciso ter certa experiência, conhecimento, inteligência para que seja operado, mesmo uma cultura, excelência profissional ou hobby. Todas estas coisas são bem feitas a partir do momento que o criador tem um conhecimento objetivo, ou seja, um saber direto e relacionado àquilo de maneira concreta, palpável e sabe fazer dialética com propriedade sobre certo assunto, contexto, conhecimento subjetivo; isto é, tem como próprio e escrito em existência aquilo específico que sabe fazer, não apenas conhece, como se apropria. Consideramos a experiência como necessária bagagem instrumental, com a memória que serve de maleta de ferramentas para a expressão da mente, do espírito, da identidade ôntica e natural.

3) *Excelência profissional*

“O mais elevado é aquele que sabe qualitativamente e quantitativamente produzir mais” (Meneghetti, 2021, p. 33).

Por essa razão, na visão do autor, um sapateiro, um alfaiate é superior a alguém que apenas ensina na universidade, se este último se faz somente de repetidor de estereótipos, enquanto o outro se faz construtor de realidade criativa. De modo igual, existem também alguns comerciantes que, na sua profissão, são muito mais capazes do que outros que se qualificam e se rogam um título acadêmico. Esses exemplos temos a partir do autor, o qual explica que o valor do profissional é medido pelo valor objetivo, concreto, funcional da sua obra (Meneghetti, 2021). Sobretudo numa época em que há abundância de diplomados

no Brasil, é de comum experiência a dificuldade de encontrar profissionais com grande ou confiável competência. Eis a necessidade de ampliar uma cultura de excelência profissional.

Ainda, “criar” significa: “elaborar algo para uma novidade eficiente, ou como estética ou como função” (Meneghetti, 2018, p. 72). Se tem criatividade, então se faz com excelência, se faz com arte; portanto a casa mais luxuosa, mais refinada, o modo de vestir, de permitir-se viagens, um estilo de vida que faz bem-estar ao indivíduo que e sobretudo, é um bem-estar que dá ganho histórico, de uma qualidade profissional, ou seja, o dinheiro não dá a criatividade, não dá a vida, não dá o amor, não dá a alegria; entretanto, com o que o dinheiro lhe proporciona, se ganham também todos os instrumentos para alcançar a felicidade, a realização. Afinal, “O dinheiro não pode ser nunca o patrão da nossa vida, mas um ótimo e fidelíssimo servidor” (Meneghetti, 2021, p. 37).

4) *Hobby*

“É preciso ter um certo tipo de hobby esportivo, artístico, social [...]” (Meneghetti, 2021, p. 31).

Os homens que vivem apenas para o trabalho são bons neste âmbito específico, têm um retorno, pois ganha-se ao trabalhar, ao investir-se nisso; mas fora daquele tempo são neuróticos perdidos sem realidade, não desenvolvem criatividade ou sequer sensibilidade estética. Trabalhar é a ação que

faz o destaque daquela pessoa, porém, a pessoa que trabalha deve requalificar-se, haver fontes de outro território para constituir-se.

Deve-se cultivar dentro de si sempre um estado de curiosa adolescência, um grande homem deve sempre levar dentro de si também o que seria um *fanciullo* alegre, é necessário um tipo de atividade esportiva, artística, social. Quanto às atividades esportivas, o verdadeiro esporte vital que Meneghetti recomenda é aquele realizado como autoliberação, feito com um grupo de amigos, pois nesse não há um efeito de estresse psicoorgânico, mas sim uma ativação das funcionalidades orgânicas – e também sociais – que geram, depois, um relax.

5) *Curiosidade disponível aberta*

“Além da própria profissão, da própria ciência, do próprio hobby ou da própria chácara, a pessoa deve ter uma curiosidade de colocar muitas coisas que a ela não interessam, porém, de vez em quando ir vê-las, fazê-las e vivê-las” (Meneghetti, 2021, p. 55).

Existe também uma importância em dar uma devida atenção às coisas que não lhe agradam ou brilham os olhos, essas coisas mesmo que não lhe interessem, trabalham um estímulo sobre as coisas que lhe agradam, ou seja, qualificam elas, tornando-as superior.

Uma vez que se vá a uma igreja, um curso de cozinha, conhecer um esporte, costura... mesmo que nada ou pouco dessas coisas lhe agrade, é bom que cultive um interesse às coisas que não lhe interessam; não que esteja visando o que vem após, mas que aproveite e esteja presente ali como um todo

mesmo que seja uma atividade não agradável ou que não lhe entregue nada aparentemente.

O principal ganho disso será a *flexibilidade neuronal*, em que o sujeito nutre-se para além do circuito fechado dos seus estereótipos do dia a dia. Com isso, abre-se uma possibilidade maior à criatividade, portanto, ao fazer inovador, seja em funcionalidade que estética. Vale lembrar que a dinâmica do Em Si ôntico é sempre a *saúde para a criatividade* (Meneghetti, 2022), isto é, o estar bem para fazer mais ser. Deste modo, se nos encontramos em repetição, sem novidade, significa que estamos na lógica da máquina, na lógica do estereótipo. Uma vez que tenhamos constatado isso, basta reposicionar a si, ajustar a própria atitude, e voltar humildemente à dinâmica do Em Si ôntico.

E isso se aplica em todas as dimensões da própria vida. Como afirma Meneghetti, “isso vale também na cozinha. Por exemplo, o sujeito poderia dizer: ‘Hoje vou para casa e preparo uma sopa feita assim, assim e assim’. Aquilo faz fantasia, faz bem, qualifica, dá o tom à inteligência” (Meneghetti, 2021, p. 55).

4 A Literatura Clássica como Expressão do Belo

O que se pode apropriar de uma pesquisa como essa e como se pode ver a ideia de “A Arte do Belo”, como isso se evidencia na literatura clássica e além disso, por que “Descobrir-se humano”? Em trânsito a todas as ideias desenvolvidas sobre o belo em diversos temas teóricos que discutem essa questão da beleza na literatura, entende-se que isso pode ser visto por diferentes prismas,

entretanto, alinha-se ao raciocínio sobretudo de Antonio Meneghetti.

A literatura clássica é carregada, tão cheia de humanidade, é uma grandeza em sentido de cultura clássica quando diz e evidencia o conhecer da literatura clássica, pois em meio a isso, se passaram tantas mentes, tantas mãos; tantas almas que se doaram e se derramaram em meio à literatura. Ray Bradbury, que foi um escritor e roteirista norte americano entra nessa discussão, dessa vez com sua obra: “Fahrenheit 451”, uma distopia que surge a partir do acontecimento de 1933, quando os Nazistas queimaram livros de pensadores como Kafka, Freud, Albert Einstein etc. Se torna uma obra humana pois, assim como outros clássicos, foi feito de corpo, alma e mente, e além de ser bonito, de ter uma mensagem que impacta e permanece forte até mesmo nos dias de hoje, tem um objetivo; salvar uma história, um enraizamento humanista. Harold Bloom defende assim como era defendido em Fahrenheit 451, os grandes autores da literatura clássica (Shakespeare, Dante, Cervantes, Tolstói) e como nos ajudavam em formação do “Eu”:

“Ler é encontrar a si mesmo em outro tempo, por meio de uma voz que não é sua, mas que toca o que há de mais seu” (Bloom, 1994).

Na cultura clássica, em literatura clássica como ponto principal, temos uma história, uma valia, uma grandeza humana, aquilo que quanto mais internaliza e se alimenta, mais se apropria de uma cultura pela qual torna o humano mais humano. A Arte do Belo ao tocar esse assunto torna essa discussão apenas mais bonita, pois a literatura clássica por si só já é bonita, se tem uma beleza de alguém que se doou aquilo, que fez marco histórico para a

evolução humanista e por isso é um grande, por isso se cultivou e ainda se renova.

A literatura clássica se valendo de toda essa beleza, também se torna bela, bela pois se evidencia por essência humanista, por algo que diz respeito à identidade do homem, aquele que a produziu deixou raízes de uma cultura forte, se uma unidade de ação grande o suficiente para levar suas ideias, inspirações, conceitos, resultados à diante, por isso se é recomendado, pois mesmo que não possa tomar tudo aquilo como uma verdade absoluta (fora uma identidade que escreveu aqueles textos, são fortes mas particulares), pode enxergar aquilo como um ensinamento à si, algo que está presente ali que possa se apropriar e tomar como seu. É Artístico pois é bonito, pois possui uma beleza em forma de argumentar, escrever, passar uma informação ou objetivo adiante é Belo pois possui uma identidade, uma característica, uma essência, o humanismo histórico que se revela ali torna toda essa obra de arte Bela, se evidenciando em literatura clássica: A Arte do Belo.

Há certo momento em que obtém-se contato com determinada literatura, então é possível encontrar um pedaço de si mesmo, algo que dê certa completude ou que dê um caminho, que faça brilhar os olhos, que instigue uma paixão por tudo aquilo. Quanto mais absorve o que habita ali, mais aquilo complementa algo ao indivíduo, mais aquele ganha, mais extrai dali, mais se torna humano, mais se vira à sua essência; em cada ponto em que determinada obra tocar, acende algo, uma inspiração, uma vontade, vida.

Os livros eram o refúgio, as jóias de todos os grandes pensadores, dos poetas aos musicistas, aos historiadores. O livro é o corpo vivente no qual há o segredo do espírito eterno das coisas: ter aqueles livros é ser aquele saber, e quando se abre aquele

livro, a própria alma se alarga. É assim para quem tem a paixão pelo livro; não de modo fetichista, mas quem tem a leitura, a inteligência de colher a magia, o poder que há naquele segredo fechado para todos (Meneghetti, 2023, p. 243).

Nesse momento, enquanto Meneghetti argumenta sobre a literatura e sobre a significância dos livros para todos aqueles grandes, é posto à mostra a importância que todos aqueles universos escritos em papéis possuem, porém, é de uma relevância tão singular que apenas se nota aquela grandeza a partir do momento que decide que é satisfatório emergir-se nela; deixar-se tocar por suas palavras e sua tão bela profundidade.

5 Considerações Finais

Nesse artigo vemos a possibilidade de abordar “A arte do belo” – qual o conceito de arte? Qual o conceito de belo? O que é a Arte do Belo? – em sentido à cultura, abordando em passagem a literatura clássica, pela qual é possível compreender a ideia de que é necessário saber fazer com alma e objetivo; assim como a arte, que liga diversos assuntos que não convergem por essência (política, sociedade, religião, ideais etc.), a literatura conversa e navega por diversos mundos em busca de passar uma mensagem perene, que se renova e sempre tem voz em determinado período histórico.

A vida não tem sentido sem a estética, isto é, o prazer que se tem na ordem realizada do Em Si ôntico. Embora à massa seja impossível, isto é, quando o indivíduo está massificado, está em estado de massa, em estado disforme em relação à sua Natureza, ele é incapaz à estética e ao melhor do prazer de existir e ser, porque ele não está conforme à

ordem do seu Em Si ôntico (Meneghetti, 2024).

Ser incapaz de viver e expressar a estética é um determinante a não estar apto a vivenciar o belo, visto que a vida não tem sentido sem a estética, não há arte, pois não há beleza nem sentido; mesmo que haja técnica não há belo pois não sabe atuar o belo em sua maneira e identidade, contudo, não há conversa entre artista e apreciador, não se entende a mensagem que a essência transmite.

Grande valor tem em se possuir sensibilidade orgânica em sentido de absorver as mensagens que buscam evidência a partir de um instinto de erotismo puro, aquele em que apresenta essa beleza artística, poética, humanista, particular; portanto, não possui influências ou desvios de massa ou quaisquer informações que não se refiram ao Em Si ôntico do indivíduo.

Este, o Em Si ôntico, como a ordem ontológico-existencial, natural, imanente do indivíduo, é sempre o discriminador entre todo mal e todo bem, entre todo feio e todo Belo relativo ao próprio indivíduo. Porém, embora filosoficamente evidente, entendemos que a necessidade concreta é sempre *como atuar tecnicamente o Em Si ôntico, a cada instante*.

Nesse ínterim, consideramos que a cultura clássica, neste caso com enfoque na literária, seja um exercício de aprofundamento na estética e na inteligência humana. Isto é, entendemos que por meio de leituras profundas, mas imbuídas de riqueza de emoções, pensamentos, vicissitudes e atos humanos, podemos realizar um processo de amadurecimento, refinamento e crescimento individual.

Por isso, conclusivamente, fazemos votos de que nossos estudos possam ser

contributivos para com o conhecimento teórico e técnico do leitor acerca de como realizar o próprio Em Si ôntico, no caso do foco deste artigo, por meio da Arte do Belo.

Referências

- BLOOM, Harold. **O cânone ocidental: os livros e a escola do tempo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1994.
- BONOMI, Francesco. **Vocabolario Etimologico della Lingua Italiana**. Disponível em: <https://etimo.it/>. Acesso em: 27 jun. 2025.
- BRADBURY, Ray. **Fahrenheit 451**. São Paulo: Globo Livros, 2012.
- GILSON, Étienne. **As artes do belo: uma introdução à filosofia da arte**. São Paulo: É Realizações, 2010.
- MENEGHETTI, Antonio. Cultura clássica. In: _____. **Jovens e realidade cotidiana**. Recanto Maestro: Fundação Antonio Meneghetti, 2020. p. 39.
- MENEGHETTI, Antonio. A arte do belo como exercício de superioridade, diplomacia e personalidade. In: _____. **A beleza como valor para o humano**. Recanto Maestro: Fundação Antonio Meneghetti, 2021. p. 31-89.
- MENEGHETTI, Antonio. O homem como diapasão estético. In: _____. **A beleza como valor para o humano**. Recanto Maestro: Fundação Antonio Meneghetti, 2021. p. 125-145.
- MENEGHETTI, Antonio. **Manual de Ontopsicologia**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2022.
- MENEGHETTI, Antonio. Economia e evolução da inteligência. In: **Antonio Meneghetti sobre... Da evolução da inteligência ao poder para ser**. Recanto Maestro: Fundação Antonio Meneghetti, 2023. p. 217-281.
- MENEGHETTI, Antonio. Como formalizar a estética mais funcional a si mesmo. In: _____. **A beleza como valor para o humano**. Recanto Maestro: Fundação Antonio Meneghetti, 2021. p. 173-179.
- MENEGHETTI, Antonio. Três características da verdadeira arte. In: _____. **A beleza como valor para o humano**. Recanto Maestro: Fundação Antonio Meneghetti, 2021. p. 271-287.
- MENEGHETTI, Antonio. Introdução à sensibilidade estética. In: _____. **Antonio Meneghetti sobre... Criatividade e sensibilidade estética**. Recanto Maestro: Fundação Antonio Meneghetti, 2018. p. 11-34.
- MENEGHETTI, Antonio. Notas sobre ética e sanidade estética. In: _____. **Projeto homem**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2024. p. 247-296.
- MENEGHETTI, Antonio. **Do humanismo histórico ao humanismo perene**. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2023.
- MENEGHETTI, Antonio. **Da consciência ao ser**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.
- MENEGHETTI, Antonio. A literatura. In: _____. **OntoArte: o Em Si da arte**. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2020. p. 341-346.
- MENEGHETTI, Antonio. **A psicologia do líder**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.
- NUNES, Benedito. **Introdução à filosofia da arte**. São Paulo: Ática, 1989.